



A MATEMÁTICA NO DISCURSO MIDIÁTICO: O ETHOS NO PROGRAMA DE TV “PASSA OU REPASSA”

Arthur de Araujo FILGUEIRAS
Universidade Federal da Paraíba
arthurfilgueiras@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

A associação da matemática a uma disciplina de difícil compreensão e reservada a poucos indivíduos, conforme assevera Silveira (2000), encontra na mídia televisiva um modo de representação pelos apresentadores de televisão. Segundo Maingueneau (2008), a difusão de tais ideias parece, em se tratando de programa de TV, mobilizar na plateia, pelo modo de dizer, uma cristalização desse estereótipo de matemática. Nessa perspectiva, objetiva-se investigar, a partir do discurso do apresentador Celso Portioli, o seu *ethos* discursivo no tratar sobre a matemática, apontando reflexos sobre a imagem atual que se tem da disciplina.

2. METODOLOGIA

A pesquisa é de cunho documental e parte da análise de enunciações evidenciadas no programa “Passa ou Repassa”, do Sistema Brasileiro de Televisão – SBT, disponível no site *Youtube* e exibido no citado programa televisivo em 25 de abril e 12 de julho de 2014, respectivamente. Foram analisados os momentos em que o apresentador conhece os alunos das duas escolas participantes da gincana e traz as perguntas de conhecimentos gerais. Com foco em um arcabouço discursivo sobre a matemática, investigou-se, o *ethos* do apresentador na enunciação das perguntas, à luz das noções sobre *ethos* e sua incidência na análise do discurso.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO



Segundo Amossy (1999), o ato de tomar a palavra já faz com que o locutor tenha construída uma imagem de si. É a partir de seu estilo, de crenças, competências linguísticas e de conhecimentos refletidos na enunciação que sua apresentação é construída. Em sua acepção original na retórica aristotélica, o *ethos* é um dos modos de persuasão ou componentes de um argumento. Ele é o componente moral, o caráter (*ethos*) responsável pela persuasão (influência) do público. Os outros componentes são o *logos* (uso da razão) que se refere à argumentação utilizada e necessária à persuasão do público e o *pathos*, que trabalha no uso da emoção na tentativa de ameaçar, seduzir ou persuadir o público (Cf. CHARAUDEAU, 2008).

Para Ducrot (1984, *apud* MAINGUENEAU, 2008), a noção de *ethos* retórico é tomada a partir da distinção entre o Locutor-L (apreendido como enunciador que fala/escreve) e o locutor-lambda (apreendido como o ser do mundo). Nessa percepção, o *ethos* não é dito (claramente) no enunciado, mas se mostra no ato da enunciação. Ele é “percebido”, mesmo não sendo o objeto do discurso. Logo, “[...] o *ethos* está associado a L, o locutor enquanto tal: é na medida em que é fonte da enunciação que ele se vê revestido de certos caracteres que, em consequência, tornam essa enunciação aceitável ou refutável” (op.cit., p. 59).

Constata-se, assim, a diferenciação do *ethos* aos atributos “reais” do locutor, mesmo que este seja a fonte da enunciação. Sua construção se processa em meio à performance de fala do locutor; todavia, é um processo que se dá no exterior, a partir da percepção de elementos linguísticos e do ambiente do destinatário, que tem sua afetividade mobilizada (Cf. MAINGUENEAU, 2008).

Assim, a noção de *ethos* pode ser compreendida como uma maneira de dizer que implica em uma maneira de ser, não se referindo ao modo de ser do enunciador, determinam sua percepção e construção pelo público que interage com o discurso enunciado. Para Maingueneau (op. cit., p. 63), isso se deve a constituição discursiva por meio de processos de interação e influência sobre o outro. Por seu turno, a noção sócio-discursiva que considera, nas situações de comunicação, fatores sócio-históricos constituintes.



No caso do programa “Passa ou Repassa”, o apresentador Celso Portioli tem seu discurso orientado para com os alunos de duas escolas que disputam uma gincana envolvendo conhecimentos gerais nas mais diversas disciplinas. Observa-se, no discurso do apresentador, ao fazer a leitura das perguntas para o trabalho de interação com os participantes, seu *ethos* com relação à matemática, a saber:

- *Agora é matemática. Silêncio absoluto, concentração, heim?*
- *Primeiro lugar, quem falou que era bom de matemática, aí? Você, né Carlos? Você é bom de matemática. Pergunta de matemática...*

Tais enunciações são amplamente marcadas por um suspense que antecede às perguntas feitas pelo apresentador e são reforçadas na gesticulação e no tom de voz do mesmo, tentando provocar uma reação no âmbito emocional dos alunos. Ao acertar a resposta, os alunos recebem um elogio: “bom garoto”, que se constitui em um argumento persuasivo e indicador da genialidade do(s) aluno(s), especialmente quando o acerto é em uma questão de matemática (perspectiva discursiva). Através do *ethos*, na cena de enunciação, o apresentador traz aos alunos o desafio e a necessidade de atenção a fim de não fracassarem no jogo.

Esse *ethos* discursivo é amplamente difundido pela mídia em enunciados do tipo: ‘a eterna dificuldade com a matemática’; ‘o mito de que só aprende matemática quem é inteligente’; ‘o mito de que matemática é difícil e feita para alguns iluminados’; dentre outros, faz emergir em muitos leitores uma identificação com problemáticas vividas na sala de aula de matemática (Cf. SILVEIRA, 2000).

Em sua incorporação, sinalizam para a tentativa de persuasão do apresentador (atrelada ao discurso verbalizado sobre a matemática) para com os alunos a fim de deixar a disputa mais envolvente e desafiadora. Isso se torna possível porque consegue “passar em seu discurso o *ethos* característico do auditório” (MAINGUENEAU, 2008, p. 58). Nesse processo, o apresentador parece construir uma imagem de si a partir da necessidade que sente em se adaptar àquele (formado por estudantes), ao “construir uma imagem confiável de sua própria pessoa, em função das crenças e valores que atribui àqueles que o ouvem” (AMOSSY, 2005, p.19).

Nessas condições, o apresentador Celso Portioli é tomado como o fiador: “[...] por meio de sua fala, se dá uma identidade em acordo com o mundo que ele supostamente faz surgir” (MAINGUENEAU, 2008, p. 72). Esse mundo, “configurado pela enunciação” (op. cit.) remete à sua apropriação do difundido discurso de que a matemática não é uma disciplina simples, inscrevendo subjetividade ao discurso e atestando veracidade (pela persuasão), em seu modo de dizer, de que a matemática é uma disciplina difícil e voltada a pessoas inteligentes. Assim, o poder de persuasão de seu discurso acontece por sua identificação (e convencimento) pelos alunos, na cena de enunciação (contexto), com as crenças e mitos historicamente perpetuados sobre a matemática. Isso pode ser exemplificado com os seguintes trechos do programa:

Apresentador: - “*Você manda bem em qual matéria na escola?*”

Aluno: - “*Matemática*”

Apresentador: - “*Matemática! Boa (...) boa cabeça...*”

Os demais responderam que eram “bons” em história e biologia. Tal comentário trouxe um *ethos* de surpresa que só foi feito com esse aluno que respondeu ser aplicado em matemática. Em sua enunciação, vê-se a eficácia do *ethos* presente: em nenhum momento ele diz explicitamente que a matemática não é uma disciplina fácil e que só pode ser aprendida por indivíduos com “intelecto diferenciado”, mas o faz por meio desta. Os alunos tem sua afetividade mobilizada “no calor” da disputa na TV, influenciados ainda pelos discursos pré-construídos¹ sobre as dificuldades da matemática e que estão em seu inconsciente coletivo.

Observa-se nos alunos uma acepção do *ethos* que Auschlin (2001 *apud* MAINGUENEAU, 2008, p. 62) aponta como sendo coletivo ou partilhado. São os “habitats locucionais partilhados pelos membros de uma comunidade” (op. cit., p.62). No caso do programa, tem-se o *ethos* característico do ambiente escolar que é reproduzido no palco em meio à enunciação (cenografia). Daí a importância do seu

¹ Fazem referência à memória discursiva descrita em Pêcheux (1999): são formulações anteriores, aos conceitos que estão no inconsciente coletivo e que produzem sentido através da sua relação com os diferentes discursos que circulam nas formações sociais.



estudo e análise sob um foco específico (o discurso sobre a matemática), permitindo vislumbrar os reflexos panorâmicos das experiências e sentimentos partilhados pelos alunos nas aulas de matemática que tem como fiador a figura do professor.

Por outro lado, o enfoque dado no presente trabalho é merecedor de cautela, pois, mesmo que o *ethos* propicie tais importantes desdobramentos sob os locutores e destinatários em suas abordagens sócio-discursivas, deve-se também atentar para sua instabilidade em situações orais de comunicação, uma vez que envolve um sujeito que é (re)construído diariamente em práticas discursivas. Assim, toda e qualquer análise feita sobre o *ethos* terá sua eficácia para um momento e objeto específico, não havendo espaço para conclusões fechadas e determinação de padrões fixos e imutáveis.

4. CONCLUSÃO

Percebe-se no *ethos* do apresentador, o caráter desafiador e um imenso grau de dificuldade que é imposto à matemática. Como fiador, ele se investe do amplo discurso difundido sobre a seletividade de indivíduos para aprendê-la, encontrando sua identificação pelos alunos, no ato da enunciação, e que evidencia, na atualidade, uma matemática carregada de crenças negativas quanto à sua compreensão e ao domínio de suas habilidades.

5. REFERÊNCIAS

- AMOSSY, R. “**Da noção retórica do ethos à análise do discurso**”. In: _____ (Org). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005.
- CHARAUDEAU, P. **Discurso político**. Tradução de Fabiana Komesu e Dílson Ferreira da Cruz. São Paulo: Contexto, 2008.
- MAINGUENEAU, D. **Cenas da enunciação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- PÊCHEUX, M. “**Papel da memória**”. In: *Papel da memória*. Trad. e introdução J. Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999.
- SILVEIRA, M. **A interpretação da matemática na escola, no dizer dos alunos: ressonâncias do sentido de “dificuldade”**. Porto Alegre: UFRGS, 2000.
-